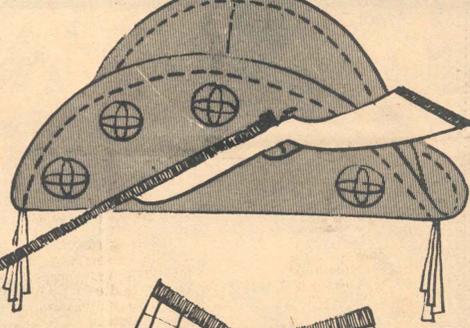




XVI FESTIVAL DE CINEMA



PARAHYBA, MULHER MACHO

SEXO E POLÍTICA, OS ETERNOS MOTIVOS

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Hoje, segundo dia do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, os acontecimentos começam a esquentar. As 10 horas da manhã, o diretor Chico Botelho, o produtor Cláudio Khans e os atores Lillian Lemmert e Flavinho Guarneri debatem o longa-metragem *Janete*. Na mesa de debates auditório do Hotel Saint-Paul estará, também, Luis Sartori, diretor do curta mineiro *Os Irmãos Pirilás e Assunção* e Pertha Lutz, produtora de *Tribuna Bertha*. João Batista de Andrade, diretor deste média-metragem não vem a Brasília, pois participa, ao lado de Leon Hirszman e Joaquim Pedro de Andrade, do encontro de cineastas em Funchal, na ilha da Madeira, província portuguesa.

As 15 horas, o Cine Brasília mostra o segundo concorrente - *Parahyba, Mulher Macho*, de Tisuka Yamazaki. O filme será re-primado às 18 e às 21 horas (esta é a sessão nobre e por isto, a mais concorrida). Um único "curta-metragem" concorre hoje: *Vida e Sangue de Polaco*, de Sílvio Back.

As 20:30 horas, as cidades-satélites de Taguatinga (Cine Lara) e Guarã (Karim-Guarã) mostram, respectivamente, os filmes *O Mágico* e *O Delegado*, de Coni Campos e *Janete* de Chico Botelho. Os taguatinguenses verão os curtas *Tribuna Bertha Lutz* e *Os Irmãos Pirilás*. Os guaranenses verão *Mato Eles?*, de Sérgio Bianchi e *Newton Cavalcanti - Quadro a Quadro*, de Paulo Cezar Sarraceni. A Embrafilme, através de seu assessor de imprensa, Cláudio Pinto, garante que não envidará esforços no sentido de "estimular os diretores, produtores e atores dos filmes a irem animar as sessões das satélites". Afinal, arremata Cláudio, "É interesse deles mesmos, já que as cidades-satélites assumem peso importante no resultado final do júri popular".

CONCORRENTES

Vida e Sangue de Polaco, do paranaense Sílvio Back, aborda um tema quente no momento: os poloneses. Para montar seu média-metragem (56 minutos), Back documentou o cotidiano da colônia polonesa que vive no sul do país. É claro que a religiosidade polonesa e a figura de João

Paulo II, papa oriundo da Polónia, estão no filme. Além das danças, costumes e hábitos que os imigrantes mantêm, apesar dos anos, Back registrou depoimentos de seus descendentes, como o poeta Paulo Lemlinsky. Back participou do Festival de Brasília do ano passado com o longa-metragem *República Guarani*. Ele é diretor dos longas - *Lance Maior* e *Aleluia Gretchen*.

Parahyba, Mulher Macho é o segundo longa-metragem de Tisuka Yamazaki, cineasta que, no fim dos anos 70, entusiasmou público e crítica com seu filme de estréla: *Galjin, Caminhos da Liberdade*. Ex-assistente de Nelson Pereira dos Santos, Tisuka cultiva paixão especial por Brasília, já que aqui fez seus estudos de cinema (na UnB) e trabalhou como diagramadora na imprensa local. Seu novo filme *Parahyba* gerou acirrada polémica, nos bastidores da organização do XVI Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Pelo regulamento da Fundação Cultural, o filme estaria eliminado, já que ganhou prêmio máximo no Festival de Biarritz, na França. Filme com primeiro prêmio em outro certame está, automaticamente, eliminado. O regulamento não especifica se o prêmio se refere a festivais brasileiros ou internacionais. No próximo ano, garante Cláudio Pinto, vamos sugerir a especificação do tipo de certame, ou seja, só filme premiado em festivais brasileiros não poderá concorrer. A comissão de seleção (metade da FCFD, metade da Embrafilme) resolveu premar o filme por antecipação. *Parahyba* chegaria a Brasília hors-concours, com Troféu Candango e 800 mil cruzeiros em prêmio. A Embrafilme percebeu, a tempo, que a emenda estava pior que o soneto e abriu, com apolo da FCFD, mais uma vaga no Festival. *Parahyba* vem, portanto, como concorrente, passando por cima dos regulamentos do Festival.

O filme narra a história de Anayde Belriz, uma poetisa e professora que se fez amante de João Dantas, o homem que assassinou o presidente da Paraíba, João Pessoa.

Anayde é o personagem central do filme que tem como cenário a Revolução de 30, na ótica da Paraíba dos anos 20, época

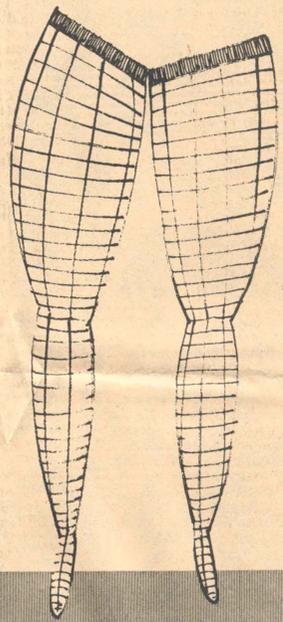
dos legendários "coronéis". Nova, bonita, sensual, Anayde é também audaciosa, Inteltra, autêntica, segundo o ponto de vista de Tisuka, que se baseou no livro *Anayde Belriz - Paixão e Morte na Revolução de 30*, de José Joffily, para construir sua heroína. Tisuka ousa mais, ao definir sua personagem: "Atrevida, com cara de quem ama e é amada, assim como todos desejariam amar numa Paraíba árida, macho, intolerante, sob o sol causticante, abalada por agitações e conflitos que trouxeram a Revolução de 30. Apesar de pobre, filha de tipógrafo, Anayde fez o curso normal e diplomou-se com méritos. Foi professora de pescador e escrevia em jornais alternativos da época. Tornou-se mulher de idéias próprias, escreveu contos de amor e loucas poesias. Conquistou o prazer de uma vida só permitida aos homens, despertando a indignação numa sociedade patriarcal, preconceituosa e moralista". Para os paraibanos, porém, Anayde Belriz não passa de "uma prostituta". Para Tisuka, a poetisa/professora se tornou uma mulher libertária, feminista a seu modo e motivo de um personagem de alto carisma dramático.

Sônia Braga seria, inicialmente, a intérprete de Anayde. Hoje, porém, a atriz se lança no mercado americano. E a nossa "nova Carmem Miranda". Para seu lugar, Tisuka convidou Tânia Alves, atriz carioca, que todo mundo pensa ser nordestina. Tânia se deu tão bem com o papel, que hoje se confunde com ele. Além de atriz, cantora, Tânia está no auge do sucesso. Ela chega a Brasília como a mais forte candidata ao Troféu Candango de Melhor Atriz, já que é a estrela principal, também do longa *O Mágico* e o *Delegado*, onde interpreta uma partner de mágico, chamada Paloma. Sentindo-se o novo símbolo sexual do país, Tânia traz no rosto um eterno sorriso, e nos cabelos o produto gel (importado), que dá a sensação de estarem eternamente molhados. A cantriz escolheu este penteado com seu cabeleireiro Nonato. Foi ele que decidiu arrematar o penteado com três cachos de cabelos negros e crespos. Com Tânia, o Brasil se orgulha de uma beleza mestiça.

A cantriz, porém, não se diz abalada pelo sucesso. Ela con-

fessou à imprensa carioca: "Recebo declarações de amor, ao vivo, todos os dias. Acho que as pessoas não vão se cansar de ouvir falar em mim, não acredito que fique desgastada, porque não é uma coisa no vazio. Ninguém está me badalando sem fundamento. Não sou colunável, não sou de painéllhas. Meu trabalho está aí. Desgaste só existe quando a badalação é gratuita".

Parahyba tem um elenco estelar onde pontificam Cláudio Marzo (João Dantas), Walmor Chagas (João Pessoa), Oswaldo Loureiro (Coronel Zé Pereira) e José Dumont (o engenheiro Augusto Caldas). Nenhum filme brasileiro, desde *Xica da Silva* (Cacá Diegues) causou tamanha polémica no Brasil. Os descendentes de João Pessoa estão furiosos com o tratamento que Tisuka deu à "amante de João Dantas". Uma irmã de Anayde Belriz não gostou da "licenciabilidade erótica" do filme, já que mostra várias cenas de amor da poetisa/professorinha. Dois ex-governadores da Paraíba - João Agripino e Tarcísio Burti questionaram, com virulência, em histórico debate na Câmara dos Deputados, a versão de Tisuka para a Revolução de 30 e personagens como Anayde, Coronel Zé Pereira e mesmo João Dantas e João Pessoa.



Back